

Actas do 14º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde
Organizado por José Alberto Ribeiro-Gonçalves, Soraia Garcês, & Isabel Leal
8, 9 e 10 de setembro de 2022, Funchal: Faculdade de Artes e Humanidades

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À HORMONIZAÇÃO NA EXPERIÊNCIA TRANSMASCULINA

Leticia Carolina Boffi¹ (✉ leticiaboffi@gmail.com) & Manoel Antônio dos Santos^{1,2}

¹Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Brasil

²CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Brasil

Com o desenvolvimento dos hormônios artificiais, a partir de 1920, abrem-se novas perspectivas para se pensar gênero e as identidades transexuais (transidentidades). A produção de hormônios sintéticos em laboratório passou a ser intensificada a partir de 1926, quando ginecologistas alemães comprovaram que era possível encontrar grande quantidade destas substâncias na urina humana (Preciado, 2018). A partir de 1930, os hormônios sexuais passam a ser definidos como agentes químicos geradores de masculinidade e feminilidade e, desde então, a testosterona é utilizada em terapias de substituição hormonal e em intervenções que visam à obtenção de alterações corporais pelos homens cisgêneros. Nesses casos, para fins de masculinização. Portanto, do ponto de vista da cultura, há muito tempo os corpos cis vêm fazendo uso desses recursos farmacológicos para adequarem seu fenótipo à sua identidade de gênero (Lerri et al., 2017).

Segundo Medrado et al. (2019), ainda que os hormônios se localizem nas esferas de moléculas atuantes no fenótipo humano, têm assumido importância crescente nas formas como os agentes se relacionam consigo mesmos (“relação consigo”), o que resulta na produção de novas conformações de “eus”. Os hormônios integram uma rede complexa que subverte as normas e regras que determinados saberes, como o biomédico, tentam impor. Integram também essa rede os sujeitos que administram essas substâncias, pois as utilizam de diferentes modos, resistindo às prescrições instituídas, a despeito de uma possível intencionalidade subversiva. Nesse sentido, os hormônios se configuram como elementos importantes na rede

de produção de modos de subjetivação na nossa sociedade, provocando efeitos diversos (Medrado et al., 2019, p. 2).

Nesse contexto, os homens transexuais também entenderam esse fenômeno como uma oportunidade de agenciarem estratégias de modificação corporal, uma vez que perceberam em tais tecnologias a possibilidade de construir o corpo que permitisse ser reconhecido a partir do gênero desejado (Ávila, 2014). Lima e Cruz (2016, p. 178) afirmam:

Assim, toma-se em consideração a ideia de que a testosterona foi e é produzida num âmbito de dispositivos maiores, como os processos de medicalização nos quais a descoberta e o uso dos hormônios têm papéis importantes. Os hormônios, de uma maneira geral, destacam-se pela capacidade de produzir discursos e práticas, revelando um mecanismo potente de controle dos corpos e das sexualidades.

A possibilidade de reconhecimento social da identidade masculina é posta, principalmente, na produção do gênero masculino baseada no padrão da identidade de gênero cisgênera, binária e heterossexual. Entendendo que esse reconhecimento se dá, inicialmente, pela aparência dos sujeitos e sua materialidade corporal, é esperado que a aparência do sujeito seja o *locus* mais recorrente de afirmação do gênero, seja para homens cis ou trans. Nesse sentido, é impossível descolar as discussões subjetivas na transmasculinidade da utilização das tecnologias biomédicas, visto que os medicamentos à base de hormônios sintéticos acompanharão os sujeitos por toda a vida, haja vista a necessidade constante da manutenção das taxas hormonais, independentemente de processos cirúrgicos.

Tais premissas normatizadoras instituem determinados modos de subjetivação que tentam restringir a diversidade de modos de ser e viver, reduzindo a gama de possibilidades. Aqueles que resistem aos padrões de feminilidade e masculinidade – e heterossexualidade – instituídos são submetidos a sanções. Uma delas é a patologização das existências que não estão alinhadas à cisheteronormatividade, o que reforça estereótipos e processos de re-essencialização identitária do que é ser “homem” e “mulher”. As biotecnologias têm sido importantes referências para os modos de subjetivação na contemporaneidade. Os hormônios, como moléculas que orbitam em torno de uma rede de (re)significação, dão inteligibilidade aos novos modos de se relacionar consigo e com os outros (Santos et al., 2019). Considerando essa perspectiva, muitas vezes na transexualidade a utilização dos hormônios é determinante para a construção de discursos e a produção

de subjetivação dos sujeitos em uma relação inseparável com a materialidade corporal:

O modo como nosso corpo cresce e funciona é influenciado pela distribuição de comida, costumes sociais, guerras, trabalho, esporte, urbanização, educação e medicina, para citar apenas as influências mais óbvias. Todas as influências são estruturadas pelo gênero. Então, não podemos pensar os arranjos sociais de gênero como mero efeito que flui de propriedades do corpo. Eles também precedem o corpo formando as condições em que este se desenvolve e vive (Connel & Pearse, 2015, p. 93).

Da mesma forma, as resistências podem ser entendidas como fissuras que as engrenagens do biopoder não conseguiram capturar na grande roda da normatização dos corpos. Assim, as substâncias se configuraram também como uma estratégia de poder, na medida em que o corpo se constitui em ferramenta de gerenciamento que se exacerba com a administração de hormônios (Preciado, 2018). A literatura é escassa em relação à investigação de como homens trans constroem significados sobre o uso de hormônios e a hormonização. Nessa perspectiva, este estudo objetivou compreender os sentidos atribuídos ao processo de hormonização por homens trans.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa, do qual participaram 15 homens trans, com idades entre 20 e 41 anos. Todos os participantes estavam em processo de hormonização, iniciado entre cinco meses a cinco anos, tendo ou não se submetido concomitantemente a cirurgias de redesignação de gênero. Foram realizadas 13 entrevistas semidirigidas na modalidade online, por meio do recurso de videochamada, e duas entrevistas presenciais, em decorrência da pandemia de COVID-19. Foram utilizados para a coleta de dados: Formulário de Dados Sociodemográficos, Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) e Roteiro de Entrevista Semidirigida. Os dados foram analisados de acordo com a Análise Temática Reflexiva (Braun & Clark, 2019) e discutidos à luz dos estudos das transmasculinidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatou-se que o processo de hormonização é significado pelos homens trans como necessário para o reconhecimento do outro e de si mesmos, para afirmar seu pertencimento ao gênero masculino. A testosterona é uma molécula química que, em contato com as leituras sociais binárias da cisgeneridade, é associada à obtenção de modificações corporais atreladas no imaginário coletivo à masculinidade. A força simbólica do hormônio masculino vem de seu poder de desenhar corpos masculinos. Para os participantes, experimentá-la se assemelha a um bote salva-vidas, pois permite alcançar a masculinização do fenótipo proporcionando um senso de coerência entre a subjetividade e a imagem corporal.

Eu iniciei a testosterona muito junto quando eu fiz a troca do nome, eu pensei: Eu já tenho que começar a tomar hormônio, porque eu pensava: as pessoas vão me chamar de Marcos, só que elas não vão ver o Marcos [...] então eu ter a fisionomia e os aspectos masculinos, pra mim era necessário essas duas coisas se juntarem porque, apesar das pessoas falarem, eu ainda me olhava no espelho e me sentia triste, mal, então era muito das pessoas falarem e pra eu mesmo (Marcos, 20 anos, 1 ano em T).

Dentre as alterações corporais almeçadas, a mais valorizada é o aparecimento de pelos faciais (barba), seguida pelo desejo de adquirir uma tonalidade grave de voz, a redistribuição de gordura corporal, diminuição dos seios e a hipertrofia dos músculos. Peter (24 anos, 1 ano e 6 meses em T) comenta que o ponto principal de sua transição repousa na possibilidade de ostentação dos pelos faciais e, assim como visto em outros participantes, a utilização de outros aparatos tecnológicos que se unem à testosterona para alcançar mais rapidamente esse desejo material da masculinidade, como conta Christopher (33, 2 anos e 7 meses em T): “tem que passar Minoxidil, é muita ansiedade e tu quer que apareça já detalhes, assim, e que saia os traços de menina”.

Outros participantes enfatizam a importância da modificação da voz para sustentar e complementar a imagem corporal lida como masculina, porquanto, também é uma modificação almejada com frequência. Na ânsia de suprir tais desejos, cinco participantes iniciaram a hormonização sem nenhum tipo de acompanhamento médico, alguns por meio da “compra” de receitas e outros pela aquisição de hormônio origem ilícita, corroborando resultados obtidos por outros estudos (Braz, 2019; Lima & Cruz, 2016).

As alterações corporais têm efeitos de reconhecimento social imediatos, ou seja, a combinação de pelos faciais e timbre de voz grave reproduzem os aspectos corporais caracterizados como símbolos da masculinidade e, conseqüentemente, localizam imediatamente tais sujeitos na lógica binária, ao menos do ponto de vista do reconhecimento visual, que é muito valorizado. De acordo com Preciado (2018), a testosterona *per si*, enquanto molécula química, não é sinônimo de masculinidade, entretanto, seus resultados correspondem à materialidade do gênero quando interpretados por uma sociedade generificada, em especial binária e cisnormativa.

Os resultados deste estudo confirmam que homens trans não desejam ter acesso ao processo de hormonização sem apresentarem qualquer significado investido em seus resultados. Pelo contrário, eles almejam obter a leitura social e individual da masculinidade decorrente das características físicas aparentes e visíveis a olho nu.

A despeito do sentido individual e subjetivo associado inicialmente a esse recurso biomédico, a hormonização acaba por ser absorvida pelos modos sociais de normatização, cujo (cis)tema apropria-se de seus significados simbólicos e os gerencia como modelo e estereótipo de transmasculinidade. A fixação desse “modelo” estabelece uma hierarquia na própria comunidade trans, que regula um sistema de dominação entre os pares, como relata Humberto (21 anos, 1 ano e 3 meses em T), que se sentiu pressionado pelo amigo (também trans) a se submeter à mamoplastia masculinizadora: “[...] um amigo meu, que é trans e já tinha feito a mastectomia, começou a falar: “Você tem que fazer, você tem que fazer, se olhar bem dá pra perceber”, em referência ao volume dos seios.

Outro participante, Yoasi (41 anos, 5 anos em T), compartilhou uma reflexão sobre a hormonização como um processo simultaneamente de liberdade e aprisionamento:

[...] a gente se submete a essas violências em nome das tecnologias de gênero, [...] isso é uma dor, e ao mesmo tempo é uma delícia. Ao mesmo tempo que você se sente pesaroso de estar naquele ambiente e ser protocolado dentro de um hospital mental e de um núcleo de parafilia e de um CID F64/0, tudo isso, que é uma dor muito grande ter isso porque isso vai respingando nos outros espaços, aí você também vai vivenciando ao mesmo tempo a sensação deliciosa, que é toda essa “sensação” que é real – não vou dizer que ela é uma ilusão, porque ela é real, mas que ela é também processo de escravidão, no sentido de que a gente se torna escravizados pelo sistema.

A “engrenagem” a que Yoasi se refere é particularmente perversa e desumana quando se considera a vulnerabilização da população transmasculina devido às barreiras encontradas em termos de educação, empregabilidade, acesso à saúde e condições de sustentar modificações corporais em termos financeiros e psicológicos. Ao refletir sobre os homens trans que não sentem necessidade de se submeterem à hormonização, Hugo (29 anos, 4 anos em T) afirma sua admiração, mas confessa que não conseguiria:

Eu considero eles os mais fodas porque você se entender como homem e ainda assim aceitar o corpo que tem e ficar tranquilo com isso, eu queria ser esse tipo de pessoa, porém não consigo [...] eu preciso morrer e nascer de novo pra chegar aonde você está porque eu não consigo, ainda mais depois que a gente já começou, [...], mas eu preciso dos hormônios [risos]. Porque o psicológico nunca ajuda. Meu psicológico, ele é bem perturbado, então eu preciso do hormônio.

A partir de tais resultados pode-se refletir acerca da aplicação do termo passabilidade – uma tradução literal do termo da língua inglesa *passing* – em seu uso restrito enquanto objetivo final de homens trans. A passabilidade é, segundo Guilherme Almeida (2012, p. 519),

[...] utilizada para referir-se a uma capacidade pessoal de ser reconhecido/a como pertencente a um gênero que não era o assignado no sujeito ao nascer. Essa capacidade pessoal envolve tanto certa manipulação de alguns cuidados físicos característicos do gênero pretendido quanto atributos de comportamento que sejam culturalmente associados a tal gênero.

Para alguns ativistas, acadêmicos e pessoas trans, trata-se de um termo que se reveste de uma conotação normatizadora quando pretende reiterar as exigências sociais em torno do binarismo de gênero e o retorno à cisgeneridade, representando o alinhamento entre expressão de gênero, orientação sexual e identidade de gênero (Duque, 2020; Ferreira & Natansohn, 2019; Pontes & Silva, 2017; Porto et al., 2021). Além disso, a utilização pragmática do conceito de passabilidade desconsidera a legitimidade subjetiva, desejos e necessidades individuais que possibilitam a apropriação de um processo que também resulta em satisfação pessoal, fortalecimento da autoestima e maior conforto consigo mesmo. Por essa razão tal conceito é questionado, ao se considerar que a transição de gênero é mais do que “passar por”, como algo que “se finge” ser em um processo de constante imitação de algo. Se é imitação de algo, não é verdadeiro ou

originário. É preciso fazer uma consideração entre a expectativa subjetiva e a materialização corporal.

Conclui-se que o processo de hormonização vivenciado pelos homens trans corresponde à materialização das características atribuídas ao gênero masculino, de forma a garantir o reconhecimento visual pretendido. Esse processo é responsável pelo alívio psicológico de se conectar materialmente com sua própria subjetividade por meio das modificações corporais adquiridas pelo uso regular da testosterona. Apesar do sentido positivo, o mecanismo da cisnormatividade subverte a hormonização transmasculina e dilui sua potência contranormativa ao elegê-la como o ideal e objetivo final de validação da transição de gênero. Contudo, deve-se destacar a proeminência de necessidades subjetivas e individuais, assim como a especificidade de cada narrativa que perpassa questões concernentes ao desenvolvimento da identidade de gênero. As alterações necessariamente correspondem a transformações cuja percepção é, predominantemente, visual e material. O visual indica o reconhecimento pelo outro e o material é a prova incontestável que classificará o sujeito em uma leitura feminina ou masculina. O processo de hormonização torna-se central na jornada de muitos homens trans justamente porque pode fornecer a senha de acesso a tais realizações.

REFERÊNCIAS

- Almeida, G. (2012). “Homens trans”: Novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 513-523. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200012>
- Ávila, S. N. (2014). *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129050/329117.pdf?sequence=1>
- Braun, V., & Clarke, V. (2014). What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers?. *International Journal of Qualitative Studies on Health and Wellbeing*, 9(1), 1-2. <https://doi.org/10.3402/qhw.v9.26152>
- Braz, C. (2019). Vidas que esperam? Itinerários do acesso a serviços de saúde para homens trans no Brasil e na Argentina. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(4), e00110518. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00110518>

- Connel, R., & Pearse, R. (2015) *Gênero: Uma perspectiva global*. Nversos.
- Duque, T. (2020). A epistemologia da passabilidade: Dez notas analíticas sobre experiências de (in)visibilidade trans. *História Revista – Revista UFG*, 25(3), 32-50. <https://doi.org/10.5216/hr.v25i3.66509>
- Ferreira, S. R. da S., & Natansohn, L. G. (2019). Objetos de aparecer e de desaparecer de Anastacia: Diálogos sobre passabilidade trans* e o direito ao manejo dos próprios dados on-line a partir de um estudo de caso. *Cadernos de Comunicação*, 23(1), 1-22. <https://doi.org/10.5902/2316882X36709>
- Lerri, M. R., Romão, A. P. M. S., Santos, M. A., & Lara, L. A. S. (2017). Transsexual people's experiences of childhood, adolescence, and adulthood: Understanding their stories. *Journal of Sexual Medicine*, 14(12), e383-e384. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2017.10.050>
- Lima, F., & Cruz, K. T. D. (2016). Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), (23), 162-186. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.07.a>
- Medrado, B., Mélo, R. P., & Sampaio, J. V. (2019). “Hormônios em ação”: Articulando conceitos da teoria ator-rede. *Revista Polis e Psique*, 9(3), 43-52.
- Pontes, J. C., & da Silva, C. G. (2017). Cisnormatividade e passabilidade: Deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Revista Periódicus*, 1(8), 396-417. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i8.23211>
- Porto, R. K. D., da Silva, M. A., & Gugelmin, S. (2021). Narrativas de passabilidade e a segurança para transitar: Transmasculinidades e saúde. *ACENO: Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8(16), 219-230. <https://doi.org/10.48074/aceno.v8i16.12039>
- Preciado, P. B. (2018). *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* (M. P. G. Ribeiro, Trad.). Editora n-1.
- Santos, M. A., Souza, R. S., Lara, L. A. S., Risk, E. N., Oliveira, W. A., Alexandre, V., & Oliveira-Cardoso, E. A. (2019). Transexualidade, ordem médica e política de saúde: Controle normativo do processo transexualizador no Brasil. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 3-19. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2019v10n1p03>